



A VIDA INSISTE EM NÓS: COSTURAS E CONVERSAS EM PROCESSOS FORMATIVOS INVENTIVOS CONTRACOLONIAIS

Marcia Roxana Cruces Cuevas¹

Rosimeri de Oliveira Dias²

Dafne Araújo Fontana³

Resumo

O artigo aborda uma experiência de formação realizada junto a estudantes de graduação de Psicologia de uma universidade pública brasileira, durante um semestre, emergencial e remoto, em 2021, quando vivia-se efeitos da pandemia Covid-19. A experiência de formação foi realizada por meio de oficinas de arte têxtil, conhecidas como *arpilleras*, arte de costurar com restos de materiais têxteis. Buscou-se responder à problematização: como produzir uma formação em Psicologia que se posicione contra toda forma de opressão vivenciadas em pandemia? Realizou-se uma pesquisa-intervenção que, enlaçando a costura de *apilleira* e a escrita em diários de campo, permitiu estabelecer análises sensíveis das práticas vividas, constituindo uma formação que colabora para manter vivo o campo pelas problematizações, mobilizando o que nos conforma no presente, ampliando processos de encantamento.

Palavras-chave: Formação inventiva. Produção de subjetividade. Educação superior. Pesquisa-intervenção. Apilleras.

¡LA VIDA INSISTE EN NOSOTRAS/OS! COSTURAS Y CONVERSACIONES EN PROCESSOS FORMATIVOS INVENTIVOS, CONTRACOLONIAIS

Resumen

El artículo aborda una experiencia de formación realizada con estudiantes de la carrera de Psicología de una universidad pública brasileña, durante un semestre remoto, en 2021, cuando se vivían los efectos de la pandemia de Covid-19. La experiencia formativa se llevó a cabo a través de talleres de arte textil, conocidos como *arpilleras*, el arte de coser con restos de materiales textiles. Buscamos responder a la pregunta: ¿cómo producir una

¹ Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Rua Clóvis Machado, 225/801, Enseada do Suá, Vitória/ES. CEP: 29.052-200. E-mail: marcia.roxana@hotmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Rua Niterói, 65, Itapuã, Vila Velha/ES. 29101-590. E-mail: dafne.fontana@edu.ufes.br.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Rua Tonelero 504, Copacabana, Rio de Janeiro/RJ Brasil 22.030-002. E-mail: rosimeri.dias@uol.com.br.



formación en Psicología que se posicione frente a todas las formas de opresión vividas durante una pandemia? Se realizó una investigación-intervención que, vinculando la costura de apilleira y la escritura en diarios de campo, permitió establecer análisis sensibles de las prácticas vividas, constituyendo una formación que sucede al mantener vivo el campo de problematizaciones, movilizándolo lo que nos configura en el presente, ampliando los procesos de encantamiento.

Palabras clave: Formación inventiva. Producción de subjetividad. Educación superior. Pesquisa-intervención. Arpilleras.

INTRODUÇÃO: DESDE QUE LUGAR ESCREVEMOS E NOS MOVEMOS? QUAIS NOSSAS PROBLEMATIZAÇÕES?

Assim, reformulo a afirmação como uma regra simples: seguir os materiais. (INGOLD, 2015, p. 305).

Este trabalho se alinhava com práticas desejanças que insistem na invenção, junto a estudantes de graduação em Psicologia, de um presente que nos desloque das forças que operam na sustentação do Capitaloceno que, junto com Haraway (2023), entendemos tem ampliado e esgotado dos recursos naturais, apresentando-nos a necessidade de contribuir com formas de ação que “não se dobrem à cultura capitalista dominante” (HARAWAY, 2023, p. 97).

Escrevemos este trabalho em meados de outubro de 2023 e, no Brasil, os jornais denunciam as queimadas alarmantes no pantanal, as secas incalculáveis no Norte e os estragos ocasionados pelos vendavais e tempestades que, pelo fenômeno El Niño, têm castigado constantemente o sul do País. Atualmente, temos também vivido o que se tem chamado de “onda de calor” e ainda estamos embalados na ideia de se tratar de uma “onda” e, se não nos atentarmos ao presente, lembrando o que nos fala Krenak (2022, p. 37) que “silencia todas as outras presenças [...] aceitando a humilhante condição de consumir a terra” nada mais nos sobrar se não aceitarmos nossa pobre existência. Na companhia de Krenak compreendemos que o capitalismo quer o mundo triste e monótono e, citando a expressão de Conceição Evaristo, alertamos que “as pessoas acham mais fácil acabar com o mundo do que acabar com o capitalismo” (KRENAK, 2022, p. 49).

E, tomando essa provocação deixada por Krenak (2022) nas mãos, a escrita deste artigo pretende compor com essas forças inquietantes e rebeldes que insistem em afirmar que outro mundo é possível, ainda mais nas distintas realidades vividas na educação pública brasileira, território no qual temos realizado nossas intervenções acadêmicas. Ainda, podemos dizer que essa assertiva se materializa nas escolhas feitas no decorrer do trabalho que se orienta pela experimentação e construção feita junto a estudantes, educadoras/es, gestores da escola pública, pesquisadoras/es de distintas ordens, de práticas que superem todo tipo de ismos: machismos, homofobias, homogeneização dos corpos, racismos, ou seja práticas que tiram o encantamento da vida (SIMAS; RUFINO, 2020).

Nossas práticas de pesquisa se orientam pela Análise Institucional Francesa (LOURAU, 1993) na linha da pesquisa-intervenção (ROCHA; AGUIAR, 2003) porque nela sentimos a força de afirmar que a perspectiva política é inerente a toda forma e modo de investigação e produção de conhecer. Junto com Maturana e Varela (1984) entendemos que todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer. Assim, junto a Deleuze (1997) compreendemos e sentimos que fazer pesquisa é agir num campo de imanência, onde forças de toda ordem (culturais, midiáticas, biológicas, afetivas, econômicas, sexuais etc.) entretecem uma rede na qual nos movemos, olhamos, fazemos e sentimos. Desse modo, ultrapassamos a dicotomia objetividade X subjetividade, porque pretendemos afirmar, em nossas práticas, a direção dos afetos e encontros no ato de conhecer, de modo a agir e não somente retratar a realidade. Ainda mais na atual realidade brasileira que, nos últimos anos, tem enfrentado a precarização dos serviços e das políticas públicas destinadas à população.

Em 2016, a presidenta Dilma Rousseff sofreu processo de impeachment, meses mais tarde, foi aprovado na Câmara dos Deputados a PEC-241, intitulada “PEC do Teto dos Gastos Públicos”, na qual se fixaram controles para impedir a ampliação da despesa primária, que é a que se destina para as políticas públicas. Nesta PEC-241, a inflação passou a ser o índice de correção das despesas e, levando em conta a recomendação para uma boa economia e manter a inflação cada vez mais baixa, o

investimento para as políticas públicas ficou reduzido; diga-se de passagem, que, por esses motivos, a PEC-241 ficou conhecida como a “PEC da Maldade” ou “PEC do Fim do Mundo” por diversos movimentos de luta e garantia dos direitos.

Nos anos de 2019 a 2022, o Brasil foi governado por forças de extrema direita. O então Sr. Jair Messias Bolsonaro dirigiu o país no absoluto obscurantismo, deixando que, de fato, a boiada passasse com tudo⁴, aterrando conquistas históricas à educação brasileira.

À época, nas universidades públicas e redes de ensino estaduais e municipais se faziam sentir os efeitos desastrosos das dicotomias e polarizações que nos deixavam em um estado de insegurança, onde experimentamos uma realidade árdua que se concretizava na dificuldade de dialogar entre os diferentes.

Nesse contexto, realizamos em 2020 ocupações nas praças da cidade de Vitória-ES, com práticas de arte têxtil, para acolher, costurar e conversar sobre a vida de forma espontânea, gerando espaços de troca e fortalecimento de expressões do que se vivia e se passava nesse contexto de ameaças, como o vivido com a proposta de uma “Escola sem partido”, entre outras, que provocaram um sem-fim de ameaças e desqualificações da autonomia docente. Na experimentação efetivada conseguimos enlaçar memórias anteriores quando, à época na ditadura militar de Pinochet, no Chile, aprendemos que se não podíamos coletivizar e trocar experiências de medo e violência vividas, ao menos podíamos aceder a uma expressão por meio de agulhas e linhas, urdindo, costurando restos de tecidos e fios diversos, dando expressão ao que vivíamos; retornando a um ofício ancestral de costurar, proporcionando outra velocidade na efetivação da vida, afirmando espaços/tempos de criação de outras micropolíticas arrebatadoras, ou seja, encontros e ações capazes de nos tirar desse

⁴ Essa expressão foi dita pelo, à época Ministro de Meio Ambiente, o Sr. Ricardo Salles, em reunião ministerial do dia 22 de abril de 2022, ao se referir à possibilidade de alterar regras de controle ambiental, já que, segundo ele, a mídia “só fala de COVID, e ir passando a boiada e mudando todo o regimento e simplificando normas”.

contexto de desencantamento e nos reconectar e encantar com nossas diferenças, nos fortalecendo nesse processo.

Para Simas e Rufino (2020) em nosso presente colonizado se instalou um leque variado e espreado de desencantamento que nos desvitalizam, desperdiçam, interrompem, desviam, subordinam, silenciam, desmantelam, contribuindo para ampliar o esquecimento do vivo e da vivacidade em toda nossa biosfera por meio de políticas que se perfilam pela escassez, mortalidade, hierarquização e classificação dos seres. Práticas que, desde 2020, com a disseminação do contágio do coronavírus – Sars-Cov-2 (Covid-19), temos vivido de modo ainda mais intenso.

Nesse panorama, a ideia de situação-limite que aprendemos com Paulo Freire (1970) fazia muito sentido porque parecia que o que vivíamos nos deixava a sensação de impotência, já que a rápida mutação do vírus tornava tudo mais difícil de combater. Sentíamos que era nesse contexto que as práticas de resistência ganhariam visibilidade. No entanto, em pandemia? Como ampliar as forças de resistência diante do distanciamento dos corpos e ampliação das opressões de todo tipo?

Nesse sentido, Renato Nogueira (2020) nos interroga

O que fazer diante da mutação ecológica que instalou uma pandemia, de todas as formas de opressão, da necropolítica sistêmica, da depredação ambiental e todo leque de injustiças? (NOGUEIRA, 2020, p. 6).

A pergunta de Nogueira reverberou fortemente nos dias que se seguiram no enfrentamento à pandemia. Ora, constituiu-se em nosso problema. Com Deleuze (2006, p. 204) aprendemos que o problemático é aquilo que força o pensamento a extrair-se de si, obrigando-o a pensar diferentemente. O problemático é o que dá vida ao pensamento, porque o renova em um sem-fim de possibilidades, sem o esgotar! A cada solução volta a se renovar a problematização... então, o que poderíamos fazer?

E, de fato, foram várias as possibilidades que surgiam, mas, junto a Krenak (2020) assumimos afirmar nosso pacto pela vida, seguindo pistas contra coloniais para isso, que nos convidam a juntar gente, erguer vozes, forças, corpos para chocar com as práticas excludentes e opressoras que se afirmavam nesse contexto pandêmico normativo e que, ainda, na pós-pandemia, seguimos sentindo em nossas práticas e relações.

Com Silvia Riviera Cusicanqui (2018) também damos passagem à perspectiva contracolonial, quando assumimos problematizar, dar visibilidade às capturas que acabam por reduzir as forças ancestrais a uma função, apenas emblemática e simbólica. Dessa forma, o modo contracolonial que aqui assumimos, conecta-se com as forças que afirmam que não pode haver um discurso de descolonização, sua teoria, sem um exercício cotidiano e radical descolonizador conosco mesmo. E, assim, diante de nosso presente retornamos à pergunta: o que fazer?

Sentimos em nós a proposta feita por Krenak (2020) de criar uma política de aldeia nos processos formativos que fazemos, em que a vida possa ser afirmada e multiplicada, ou seja, estava diante de nós uma pista nesse horizonte que nos provocou e provoca a defender a vida acima das relações de mercado nas práticas efetivadas.

O artigo foi ganhando sua forma à medida que realizávamos análise sensível das *arpilleras* feitas pelos estudantes que participaram da experiência da Formação-oficina, bem como suas narrativas, fruto das escritas nos diários de campo que foram convidadas/os a produzir. Ao passo que fomos lendo cada um dos escritos e sentindo a reverberação das imagens das *arpilleras* criadas em nós, abrindo-nos às histórias que elas expressam nas costuras alinhavadas, sentindo a reverberação dessas produções, algumas linhas em torno à formação começaram a ganhar força.

Nessa relação ativa com as criações, conseguimos nos mobilizar em duas linhas de análise que nos mobilizaram à escrita deste artigo: uma formação que se constitui

na força da partilha das/nas diferenças, na produção de processos de subjetivação por meio da criação – do que conseguimos chamar com Krenak (2020) – de aldeia, e uma formação que nos faça sentir que há vida em nós, práticas que a seguir abordaremos.

URDIR UMA FORMAÇÃO INVENTIVA POR MEIO DE UMA POLÍTICA DE ALDEIA

Com Dias (2011), olhamos, pesquisamos, efetuamos atentamente às práticas formativas que buscam problematizar a lógica da capacitação, reduzindo a potência e complexidade do processo formativo a somente um fazer informativo.

Compreendemos e fazemos a formação como busca permanente de composição de diferentes realidades por meio da intensificação de situações singulares, ampliando as possibilidades de produção no presente, abrindo passo a fluxos instituintes, posto que nos interessa manter vivo o campo problemático da/na formação (DIAS, 2014) (CRUCES CUEVAS, 2015). Desse modo, no trabalho acadêmico efetuamos experiências formativas que buscam nos deslocar do que temos sido e ampliar nossa sensibilidade diante do que se vive e problematiza.

Para efeitos da escrita deste artigo, escolhemos focalizar uma experiência realizada no período da pandemia Covid-19, que reuniu estudantes de graduação de Psicologia, Pedagogia e de duas Pós-Graduações em um trabalho formativo que buscou contribuir com práticas que colaborassem para sustentar o céu e não fazê-lo desabar, fazendo referência às contribuições de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) que, ao criticar a visão de mundo do homem branco, faz-nos pensar nos processos atuais vividos que estão fazendo o céu desabar, quando, ao produzir conhecimento, relacionamo-nos com o planeta Terra como objeto de trabalho, sem cuidar da multiplicidade de vidas e seres que nela habitam.

Assim, a experiência formativa que colocamos em análise na escrita deste artigo foi realizada no 1º semestre especial, remoto e emergencial de 2020, que se efetivou nos meses de setembro a dezembro do mesmo ano. Pretendíamos promover na oferta da experiência um espaço formativo sensível diante do vivido no período pandêmico, acolhendo a dor que se sentia e todos os desafios que se presentificavam no corpo naquele momento. Ainda, estávamos atentas à criação de um espaço, mesmo que remoto, em que pudéssemos sentir alegria, de modo a eclodir com o distanciamento e uma certa produção de subjetividade que coisificava e coisifica as relações entre professores e estudantes no cotidiano acadêmico.

Em outro trabalho realizado (CÉSAR; CRUCES CUEVAS, 2023), recolhendo pistas ancestrais, relatam estratégias criadas na pandemia para enfrentar o presente em crise e, com Fanon (1979), assumem a invenção de saídas e outras maneiras de se constituir neste contexto. Desse modo, a disciplina ofertada não poderia reproduzir metodologias de trabalho acadêmicas importadas e distantes do chão que pisamos e, muito menos, contribuir com a atualização das relações de mercado e concorrência, tão vorazes na educação capitalística, nos modos de avaliar e efetivar os encontros no decorrer dos semestres de estudo.

Assim, a oferta apresentada seguiu a estética de uma oficina, e, com toda a potência de experimentação que carrega esse tipo de trabalho, já que por meio de relações de compartilhamento e de acolhimento a diversas vozes, com tons e provocações distintas, experimentamos abertura ao inusitado e à partilha e constituição de uma comunidade. Ou seja, houve uma condução, pela via da criação, de uma política de aldeia na qual nos relacionamos com todos os seres vivos e mortos, numa experiência cosmológica em que nossas aprendizagens se mostraram fruto de experimentações com materiais vivos de existência que ultrapassaram fronteiras objetivas no ato de conhecer, demandando cuidados sensíveis ao tramar a realização dos encontros formativos.

Nesse sentido, foi necessário cultivar uma atenção distinta da vivida em outros inícios de semestre, ou seja, foi nos posta a necessidade de estabelecer outra relação com cada um dos estudantes. Desse modo, tivemos de aceder a relação de estudantes matriculados e seus endereços correspondentes, porque tivemos a iniciativa de escrever uma carta de boas-vindas ao período e a essa experiência, tão intensamente inédita, visto que pela primeira vez passamos a nos relacionar mediados por tecnologias de informação, urdindo tecidos, tramando com linhas e restos de materiais têxteis.

Efetuar esse movimento nos permitiu aproximarmo-nos dos territórios das/os estudantes, mobilizarmos para outros lugares e para outros modos de trabalho, produzindo novos agenciamentos com nossos colegas de estudo. Por isso, concordamos com Deleuze e Guattari (1997, p. 135) quando pensam que o território é sempre um composto de singularidades, tendo relação íntima com as forças que o constituem, ou seja, “não para de atravessar outros agenciamentos”, ampliando a potência expressiva das singularidades.

Nesse horizonte, Silvia Rivera Cusicanqui (2018) nos fala que necessitamos complementar a noção de território com a ação de tecer, prática ancestral feminina em nossa América Latina, na qual se expressam a autonomia e autogestão das mulheres, por isso seu convite feito para enxergar no território uma unidade masculino-feminina – território e tecido – do espaço comunitário, de forma a dar passagem para a construção de um conhecimento poroso e molecular como a prática das mulheres ao tecer nos diversos territórios em solo sul-americano.

Desse modo, nos primeiros movimentos experimentados já compreendemos que a força da oferta desta disciplina optativa estava naquilo que fazia extrapolar das estruturas e funções de uma oferta acadêmica comum, de qualquer crédito ou componente curricular, já que sua expressão estava em sua diferença às outras ofertas e em relação a si mesma, o que nos fazia problematizar: como sustentar uma experiência formativa que se dá no encontro afetivo, se nesse momento

estávamos vivendo o distanciamento de nossos corpos? Como efetivar na experiência remota a efetivação de conversações formativas que nos deslocassem do que já vivíamos nesse momento pandêmico? Eis que práticas de cuidados com esse espaço foi nos ocupando ao longo do processo.

Entre os gestos de cuidados que criamos estão os kits de *arpillera* que enviamos por correio aos endereços dos estudantes matriculados. Em cada kit, ou saquinho, colocamos linhas diversas e coloridas, agulha e um pedaço de juta, acompanhado de um convite para costurar juntos por oito encontros síncronos e remotos no decorrer dos meses de setembro a dezembro. Ainda, em cada encontro buscamos efetivar essa política de aldeia, na qual pudéssemos compor uma obra de arte relacional à medida que trabalhávamos juntas/os, afirmando nossas diferenças e tramando e costurando com elas.

Os encontros síncronos se deram a cada quinze dias e aconteciam às sextas-feiras no período das 16:00 às 19:00 horas. Cabe destacar que os dias dos encontros e horários foram fruto de negociações com todas/os participantes. Ainda, é importante dizer que por se tratar de uma oficina de *arpilleras* e operar com materiais têxteis, havia a expectativa de um momento de apresentação final dos trabalhos realizados, fruto dos encontros e aprendizagens que, na experiência vivida, mobilizou os participantes da oficina a criar uma peça que expressasse forças que colaboraram naquele momento para sustentar a vida, bem como sua abertura e produção de si e do mundo (KASTRUP, 2015).

Ao todo, participaram quinze estudantes de graduação do curso de Psicologia e de pós-graduação em Educação e Psicologia Institucional. Entre os encontros síncronos havia um tempo de duas semanas e, para aquecer nossas conversações, contávamos com alguns textos que colaboraram para mobilizar a experiência e problematizações vividas. Outra importante ferramenta foi o convite às/os participantes para realizar uma escrita de si em diários afetivos e intensivos, de

modo a ampliar a compreensão do que se fazia e experimentava, realizando a análise das implicações nesse processo (DIAS; PINTO; MELLO, 2023)

FIAR ARPILLERAS COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO INVENTIVA E AFIRMAÇÃO DA VIDA

As *aspilleras* são uma técnica de arte popular têxtil chilena, feita por grupos de mulheres que se reúnem e se reúnem para costurar cenas cotidianas da vida em comunidade, na região do litoral central do Chile, conhecida como Isla Negra (BASIC, 2012).

As *arpilleras* – ou composições de telas feitas com restos de materiais têxteis – são feitas em pedaços de juta, tecido resistente, usado geralmente para ensacar o café no Brasil e, no Chile, para ensacar as batatas; outros materiais com os quais se trabalham são restos de linhas, lãs, barbantes e fios diversos e de texturas distintas; retalhos de tecido e agulhas. A técnica de trabalho é basicamente compor uma expressão por meio de imagens que são aplicadas, costuradas, alinhavadas na juta.

Para Roberta Basic (2012), nas *arpilleras* o bordado é somente um acessório no trabalho têxtil, ou seja, a direção do trabalho é a expressão de memórias, histórias e afetos e, por isso, concordamos com a autora quando compartilha que, ao fazer *arpilleras*, *costuramos para falar*. Nessa arte popular têxtil chilena, a direção central do trabalho é, de fato, a realização de costura feitas à mão por mulheres e homens que se reúnem e se reúnem para compartilhar suas histórias, a de sua família ou de sua comunidade (LIMA, 2018).

Ainda, tais práticas ganharam maior notoriedade internacional quando as criações da artista, compositora, cantora, poeta, bordadeira Violeta Parra que, diante de um processo de adoecimento, impedida de cantar, encontrou nas linhas, lãs e jutas materiais para seguir expressando as afetações vividas no Chile dos anos sessenta.

Os trabalhos de Viola (como é conhecida pelos chilenos) foram expostos no museu de Louvre em 1964 (VERGARA, 2020), época quando expressa que “*as arpilleras são como canções que se pintam*” (BASIC, 2012, p. 7).

Entretanto, há outras *arpilleras* que têm mostrado ao mundo a sensibilidade de mulheres singulares que viveram todo tipo de violências nos campos de concentração da ditadura de Augusto Pinochet e, como Cecília Coimbra nos relata (2021), apesar de habitar territórios duros, secos e inertes como as celas da prisão, mulheres com linhas tiradas de suas próprias roupas usadas, deram conta de fazer a vida insistir nesses campos de horrores:

Mesmo num sólido muro de concreto ou no chão coberto por grossa camada de cimento a vida encontra a brecha e se expressa em delicadas formas verdejantes [...] mesmo nos territórios mais endurecidos, áridos e tristes, apesar da escassez de porosidade, a vida insiste. A vida insistia, e eu era a vida que insistia em mim (COIMBRA, 2021, p. 145).

E a vida se manifesta em trabalhos têxteis, em *arpilleras* que foram e são expostas como forma de denúncia e sensibilidade para que esses fatos cruéis não voltem a acontecer (BASIC, 2012).

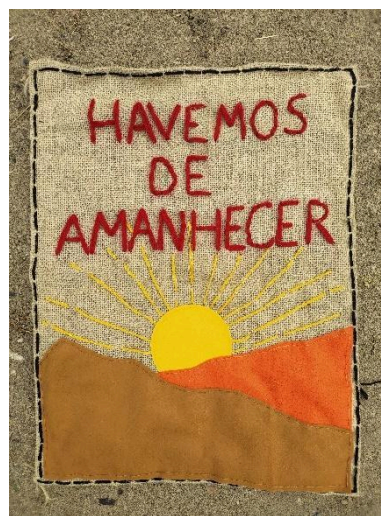
Ainda, nos anos oitenta, na árida luta contra a ditadura, mulheres chilenas em diferentes lugares do país agruparam-se em torno desse ofício, que não chamaria a atenção dos militares por entenderem que não tinha nada que ameaçasse a ordem do regime militar imposto às chilenas(os) desde 11 de setembro de 1973 (LIMA, 2018).

Desse modo, podemos compreender que fazer *arpilleras* ou fazer arte com a *juta*, arte em fibra vegetal, costurando nela restos de tecidos, alinhavando imagens, histórias e afetos têm sido um modo de constituir uma prática sensível de expressão na partilha dos sentidos no viver. Podemos dizer que fazer *arpilleras* é um exercício coletivo que nos convoca à formulação de problemas de si e do mundo, partilhando, criando perguntas e reflexões nessa partilha (DIAS, 2011).

Concordamos com Bacic (2012) quando afirma que, quando realizamos *arpilleras*, denunciemos toda forma de sofrimento por meio de uma expressão cultural. Por isso, quando costuramos *arpilleras* (ou juta, na tradução do espanhol para o português), por meio dos materiais plásticos, flexíveis e variados, podemos colaborar na arte de resistir a processos de subjetivação do presente, que nos limita, ao lugar de consumidoras/es, dando passagem à expressão de denúncia e, também, anúncio do que se vive, fazendo ressoar em nós vibrações outras que nos tiram da mesmice.

ENTRE COSTURAS E CONVERSAS: A VIDA INSISTE EM NÓS!

Figura 1 – *Arpillera*.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Resolvi esperar porque sinto saudade de muita coisa, e são essas mesmas saudades que me fazem aguentar mais um pouquinho todos os dias. Contando os dias na esperança de, já-já poder abraçar todas as saudades que sinto agora. E vivê-las, experienciá-las, existir dentro delas. Me apego na certeza de que cedo ou tarde a aurora virá para que enfim possamos celebrar com muita alegria a sua vinda, juntos. Havemos de amanhecer! (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

A peça acima é uma das *arpilleras* feitas no decorrer da formação-oficina e nela há uma expressão – “Havemos de amanhecer” – que nos coloca diante da força da chegada do novo dia, forças que impelem a seguir na produção de uma existência

possível também na Academia. E, ao ler os textos produzidos pelas/os participantes da experiência, logo sentimos que algo se passou desde o recebimento do kit de *arpillera* até a sua partilha, algo que podemos nomear como força para seguir na invenção da vida, apesar da pandemia e dos horrores que se apresentavam nesses dias, como o negacionismo e a política de morte que imperava nesse momento.

...tecer um caminho entre os sentimentos atuais que me cercavam, não por técnica, mas por uma construção expressiva (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

Os participantes partilharam no decorrer dos encontros essa força que elas/eles mesmas/os pareciam ter perdido; uma delas narrava que “foi na constituição da *arpillera*, podendo repensar a relação com a pandemia e o isolamento social, que voltei a costurar” ou quando outro dizia que “criamos um lugar de potência, criatividade e liberdade, ao acolher o outro e nos acolhermos”. Ou seja, assumindo a radicalidade da vida, mesmo virtualmente, mediante os encontros síncronos ou assíncronos, cada uma/um experimentou o que Antônio Bispo dos Santos (2023) chama de confluência⁵

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente (BISPO DOS SANTOS, apud BARBOSA, 2023, n.p.).

E a estética criada nos encontros e nas conversações, bem como as trocas que foram sendo alinhavadas e costuradas, mesmo estando distantes fisicamente, foram inaugurando práticas educacionais e de formação na Academia que seguem o fluxo da experiência contracolonial, que se atenta para manter o conhecimento vivo mediante a prática do compartilhar, que se torna tão central nessa educação. “Um rio não deixa de ser rio quando encontra outro rio!” (*Idem*). Essa afirmação nos traz a força do encontro, aproximando-nos do movimento incessante dos rios. Quanta força há no encontro! Força de partilha, co-engendramento de novo horizontes. Constituindo, portanto, confluência, sendo a força que move a do compartilhamento (BISPO DOS SANTOS, 2023).

⁵ Durante a escrita deste artigo recebemos a notícia do falecimento de Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo. Agradecemos a oportunidade de, em sua homenagem, conversar e pensar nossas práticas formativas com suas contribuições.

Confluência é esse encontro que vai e que volta e onde se juntam, se misturam e fortalecem, mas não deixam de existir. A vantagem da confluência é que um rio não deixa de ser o mesmo rio, eles passam a fazer parte de outro rio no encontro. (BISPO DOS SANTOS, apud BARBOSA, 2023, n.p.)

Como os rios, ao se juntarem, experimentam a confluência, das linhas em movimento, experimentadas nas oficinas, bem como das costuras, dos alinhavos feitos, podemos dizer que nos fizeram sentir a experiência de nos movermos da terra ao céu, entrando em um fluxo de força, fazendo a mão se alçar, para logo retornar à terra porque, ao costurar, o exercício da pontada é de baixo para cima, e de cima para baixo. Esses movimentos concretos, intervindo na trama da juta para dar expressão ao que se vivia em pandemia, colocou cada uma/um diante da própria agonística do presente e das forças de saberes e poderes nas quais estamos emaranhados no processo formativo, constituindo uma peça de arte têxtil de fazer ver e fazer falar (DELEUZE, 1996).

A cada passada da linha era como se estivesse traçando meu caminho, como se aquela arte meio inacabada, pudesse me dizer tudo sobre mim, e conseqüentemente sobre o mundo ao meu redor (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

Mediante a costura de *arpilleras*, deparando-nos com uma proposta de atividade completamente distinta do instituído à formação de psicólogas/os, tanto para a professora, como para os estudantes, nos arriscando a errar, experimentamos a criação também de um tempo expressivo. Nesse cenário, Nêgo Bispo também vai ao encontro com as experiências que se dão da oficina, sendo a possibilidade do erro e das ações disruptivas possíveis indicadores da não colonização. Para ele “quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesado, não é porque estamos errando. É porque não fomos colonizados” (BISPO DOS SANTOS, 2021, n.p.).

Eu achei que jamais conseguiria bordar letras. [...] Me desapeguei do medo de errar, da perspectiva moralista de belo e feio, certo e errado. Me permiti ir, e me senti feliz com cada tecer (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

Assim, mesmo quando cometia erros, não os desfazia nem começava novamente: simplesmente incorporava os aprendizados que esses erros me proporcionavam e seguia adiante (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

Os estudantes expressam as reverberações deste fazer, dando destaque para a força de ser uma arte que, assim como nossa subjetividade, está em acabamento

constante, sendo importante exercer abertura para outro tempo, sentindo alegria nesse processo. Diante disso, concordamos com Dias, Pinto e Mello (2023) quando confirmam que

a formação que dizemos inventiva se propõe a acompanhar aqueles e aquelas que já realizam o movimento micropolítico associado à produção de subjetividade, e que aprendem a rir, não das teorias, claro, mas da autoridade a elas associada (DIAS; PINTO; MELO, 2023, p. 2).

Sim! Relacionamo-nos, também, com a criação de outra relação com o tempo, desacelerando, dando uma pontada por vez. Sobonfu Somé (2007), quando narra a vida tribal e a lógica da aldeia traz consigo a configuração de uma temporalidade outra, em que se vivencia o momento, e de forma que “ninguém da aldeia parece compreender o sentido da pressa” (SOMÉ, 2007, p. 21). Tal como fora relatado durante a formação, de forma que a “manutenção de uma expressão menos veloz e mais intimamente vivida se reafirmou na vida de cada um de nós” (PARTICIPANTE DA FORMAÇÃO).

Essa direção colaborou intensamente para que o movimento do que aprendemos por Análise da Implicação, na Análise Institucional se desse e acontecesse na experiência da formação-oficina. Criamos outro tempo, distinto do que é fruto dos fluxos do capitalismo neoliberal, intenso e veloz, abrimos nossos corpos para sentir em nós a ressonância mais lenta. Foi e é uma estratégia de auto-organização que se colocou central para que conseguíssemos olhar para nós mesmas/os e, exercendo a liberdade como experiência de nós mesmas/os. Intervindo no modo como tínhamos nos relacionado conosco e com o mundo, as costuras proliferaram e as narrativas escritas e compartilhadas na roda virtual de conversas, bordados e costuras nos mostrou que essa direção confirmava que, de fato, ao fazer *arpilleras*, a força da partilha, nos dispôs para um sensível processo de subjetivação pela força de resistência que podemos ver nessa linha que se destaca no trabalho que é a linha do erro. Ao costurar, sentimos a vida em nós e, alinhavando e desalinhavando, a força da resistência às forças de desencantamento, tão insistentes no modo capitalístico neoliberal, foram perdendo espaço (DELEUZE, 1996) (ROLNIK, 2018).

Experimentamos, ao costurar, a criação de um espaço/tempo no qual afastamos (mesmo que de forma efêmera) as forças de poder/saber que nos atravessam e constituem na Academia. Não foi um exercício fácil, tampouco foi possível fazer isso sozinhas/os. No decorrer da oficina, abrindo-nos à experiência e ao erro, afirmamos que ninguém sabe mais do que o outro, pista ancestral do trabalho têxtil efetivado pelas mãos das mulheres que nos mostram uma direção para nossas práticas no processo de conhecer (RIVERA CUSICANQUI, 2021).

Assim como as linhas com as quais trabalhamos se dobram para dar passagem ao ponto na teia do tecido, a produção de uma dobra no espaço-tempo que se entrelaçou com a produção de uma temporalidade lenta, possibilitou-nos criar entre nós, os participantes da formação-oficina, uma relação que reconheceu que cada uma/um sabe alguma coisa que quer produzir e que, nesse movimento, torna-se central o reconhecimento dos outros/as como legítimos outras/os e, por sermos insuficientes, necessitamos da cogestão de nossas práticas (MATURANA, 1997). Assim como na confluência dos rios se dá seu fortalecimento, no compartilhamento do saber, ele cresce e se mantém vivo, de forma que quanto mais se ensina, mais se aprende (BISPO DOS SANTOS, 2022). Confirmando que, para que esse acontecimento se dê, necessitamos dos outros, sendo outros, afirmando-se nas suas diferenças. (DELEUZE, 2005). Tal como no tear, as linhas diferentes se entrelaçam na trama urdida para criar a forma. A forma tensiona as cores e a própria urdidura tensiona as formas até se dissolverem no seu uso.

Ao experimentar uma formação-oficina pela via da costura de *arpilleras*, efetuamos uma análise dos processos de subjetivação no decorrer da graduação, nos questionando a esse respeito e abrindo movimentos de autoanálise e auto-organização diante da própria pandemia e dos efeitos na vida e nos trabalhos realizados.

Nessa direção, efetivar uma formação como experiência, neste caso uma formação pela experiência de fazer *arpilleras*, a partir das considerações de Foucault (2001),

nos convoca a focar, também, nas formas de subjetivação, segundo as quais nos constituímos como sujeitas/os desejantes, onde participamos ativamente nessa empreitada, constituindo-nos livres.

PONTOS FINAIS?

... sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias.
Negô Bispo

Aprendemos na arte popular que uma obra, uma peça, é fabricada pelo conjunto de saberes que se alinhavam na experiência da criação de si e do mundo, confirmando uma relação ativa ao pensar, tecer e conhecer com a terra, com o território, porque se tecem e agenciam nessa direção.

[...] falamos do pensar da caminhada, do pensar do ritual, do pensar da canção e da dança. E esse pensar tem a ver com a memória, ou melhor, com as múltiplas memórias que habitam as subjetividades (RIVERA CUSICANQUI, 2021, p. 121. Tradução nossa)⁶.

Daí, confirmamos a potência dessa direção na experiência da formação-oficina vivida, já que, ao operar com linhas e materiais contracoloniais e indígenas, também efetuamos conversações com os materiais usados, reconhecendo-os como sujeitas/os desta experiência, ou seja, reconhecendo a agência dos não humanos e dos nossos mortos, sim, porque em pandemia sentimos mais do que nunca que nossos mortos vivem em nós, na feitoria das obras de arte realizadas, sejam ela *arpilleras* ou a própria existência (*Idem*, 2021).

Ao alinhar este artigo, costuramos e urdimos com Ailton Krenak, Deleuze, Davi Kopenawa, Cecília Coimbra, Humberto Maturana, Luiz Rufino, Roberta Basic,

⁶El otro modo de pensar, que es el que aquí interesa, es el *chuyma* [...] que son las entrañas superiores, que incluyen al corazón, pero también a los pulmones y al hígado, es decir a las funciones de absorción y purificación que nuestro cuerpo ejerce en intercambio con el cosmos [...] Hablamos del pensar de la caminata, el pensar del ritual, el pensar de la canción y del baile. Y ese pensar tiene que ver con la memoria, o mejor dicho, con las múltiples memorias que habitan las subjetividades (RIVERA CUSICANQUI, 2021, p. 121).

Foucault, Nêgo Bispo, Tim Ingold, Silvia Rivera Cusicanqui, Jefferson Barbosa, Marcia Cuevas, Janaína César, Guattari, Rosimeri Dias, Ana Luisa Mello, Liliana Pinto, Frantz Fanon, Paulo Freire, Donna Haraway, Virgínia Kastrup, Maria Lima, René Lourau, Francisco Varela, Renato Nogueira, Marisa da Rocha, Kátia de Aguiar, Sueli Rolnik Luiz Simas, Sobon Fu Somé e Carlos Vergara, com linhas coloridas, agulhas, jutas, barbantes, restos de tecidos e tantas texturas e tantas mãos. A experiência da formação-oficina e essas práticas efetivadas, tanto na formação acadêmica quanto na escrita do artigo, tiram-nos da força do comum e nos fortalecem na sustentação de práticas micropolíticas de urdir, fomentar torções para produção de novos possíveis, costurar, bordar, nas e com as diferenças dos materiais, reconhecendo a agência do humano e não humano no conhecer e, finalmente, na ampliação de exercícios formativos que operem

Por uma poiesis autoconsciente [...] uma comunidade onde não se trabalhe com maiorias nem minorias, onde a margem de manobra seja maior para que possamos desenvolver o que cada um pode como potência, mas também em termos de eleição estética (*Idem*, p. 151. Tradução nossa)⁷.

Isto é, cuidando para que a força do comum e do comunitário, aterrando suas práticas, consiga ampliar as forças insistentes do vivo, abrindo a trama dura da produção capitalística, por meio de uma costura sensível com a vida que insiste em nós! (COIMBRA, 2021).

REFERÊNCIAS

BACIC, R. **Catálogo Arpilleras da resistência política chilena**. Brasília: Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <https://arpillerasdaresistencia.wordpress.com/catalogo/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

BARBOSA, J. Confluências de saberes. In: **Quatro, cinco, um a revista dos livros**. Disponível em:

⁷Por una poiesis autoconsciente [...] una comunidad donde no se trabaje con mayorías y minorías, donde el margen de maniobra sea más grande para el individuo y para la individua en términos de desarrollar lo que cada quien puede como potencia, pero también en términos de elección incluso estética. (RIVERA CUSICANQUI, 2021, p. 151).

<https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/politica/confluencia-de-saberes>.

Acesso em: 6 dez. 2023.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU editora, 2023.

_____. Nêgo Bispo: Vida, memória e aprendizado quilombola. In: Mekukradjá – círculo de saberes: construção de pontes. **Itaú Cultural, 2021: Youtube**. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdGJxw&list=RDCMUCn3RTLtgiO7TjfG7juhFM1g&start_radio=1&t=4s. Acesso em: 6 dez. 2023

_____. Nêgo Bispo – Prêmio Milú Villela – Itaú Cultural 35 Anos. **Itaú Cultural, 2022: Youtube**. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?si=0hl00JX1pdmiz5qT&v=DTMp5dGVCXw&feature=youtu.be&ab_channel=Ita%C3%BACultural. Acesso em: 6 dez. 2023.

CÉSAR J. M.; CRUCES CUEVAS, M. Educação em tempos de pandemia: vamos conversar? In: DARÓS, Rafaella F.; CÉSAR, Janaína Mariana; TAVARES, Gilead Marchezi. **Corpos em quarentena: clínica, política e processos de subjetivação**. Vitória: Edufes, pp. 264-291, 2023.

COIMBRA, C. **Fragmentos de memórias malditas**: invenção de si e do mundo. São Paulo: N-1 edições, 2021.

CRUCES CUEVAS, M. R. **Conversar e tensionar na formação (des) continuada inventiva/inclusiva**: cartografia de uma escola-território. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Foucault**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, pp. 83-96, 1996.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. V.4 São Paulo: Editora 34, 1997.

DIAS, R.; PINTO, L. S; MELLO, A. L. G. Por entre feras, escutas e encantos: práticas de formar perspectivadas pela invenção. **Aceno**: Revista de Antropologia do Centro- Oeste. Cuiaba: Universidade do Mato Grosso-UFMT, 2023 (no prelo).

DIAS, R. O. **Deslocamentos na formação de professores**: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

_____. Vida e resistência: formar professores pode ser produção de subjetividade? **Psicologia em Estudo** (impresso). V. 19, pp. 415-426, 2014.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, vol. 21, 1970.

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

KASTRUP, V. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **O lugar onde a terra descansa**. Rio de Janeiro: Núcleo de Cultura Indígena, 2020.

LIMA, M. S. P. **Arpilleras**: o bordado como performance cultural chilena, em favor do drama. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa Interdisciplinar em Performances Culturais, Goiânia 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8440> Acesso em: 7 nov. 2022.

LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993.

MATURANA, H. **Ontologia da realidade**. In: MAGRO, C. et al. (Orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, pp. 243- 326, 1997.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **El árbol del conocimiento**: las bases biológicas del entendimiento humano. Santiago de Chile, Ed. Universitaria, 1984. Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. **Portal G1**, 22 de maio de 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml> . Acesso em: 8 dez. 2023.

NOGUERA, R. **Afro-anarquismo**: malandragem e preguiça. N-1 Edições, [s. /], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/10>. Acesso em: 1 jul. 2020.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Un mundo chíxi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

_____. **Ch´xinakak utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: n-1 edições, 2021.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 23, n. 4, pp. 64-72, 2003.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

VERGARA, C. A. Violeta Parra en el Louvre: la historia que relató la conservadora que la acogió en 1964. 2020. In: **El Mostrador**. In: <https://www.elmostrador.cl/cultura/2020/02/04/violeta-parra-en-el-louvre-habla-la-con-servadora-que-la-acogio-en-1964/> Acesso em: 23 nov. 2023.